

Resenha: livro “Pós-extrativismo e decrescimento: saídas do labirinto capitalista”

Vítor de Souza Costa¹

DOI: 10.5752/P.1809-6182.2020v17n3p85

Recebido em: 27 de abril de 2020

Aceito em: 22 de junho de 2020

O livro *Pós-extrativismo e decrescimento* lança mão de um tom ensaístico para sintetizar debates sobre as condições materiais de reprodução da vida sob o capitalismo. De autoria do economista equatoriano, Alberto Acosta, e do cientista político alemão, Ulrich Brand, o livro é dividido em seis capítulos que buscam vincular bases teóricas, experiências de implementação de políticas públicas e projetos anti-sistêmicos. Assim, os autores entendem que o *pós-extrativismo* e o *decrescimento* são dois conceitos que contam com importantes contribuições para o debate que envolve superar as relações de exploração e espoliação, seja entre grupos sociais, seja da humanidade em relação à natureza.

No primeiro capítulo do livro é apontada a emergência de discussões sobre os debates de superação do modo capitalista de produção, assumindo que as condições materiais geradas pela reprodução do capitalismo global são as condições produtoras das contradições que o livro se dedica a refletir. Este capítulo sintetiza questões-chave, como a saturação da matriz produtiva extrativista, os limites sociais e am-

bientais do desenvolvimentismo e neodesenvolvimentismo industrialistas, bem como resgata a noção do interregno gramsciano: o velho está morrendo e o novo ainda não nasceu.

No segundo capítulo são expostos os limites que nos convocam a pensar sobre alternativas anti-capitalistas: a manutenção da América Latina em sua condição na cadeia global de produção enquanto primário-exportadora, refletindo também sobre o papel dos governos progressistas nesta dinâmica; as condições de reprodução da vida no Norte Global que aumentam a concentração de riquezas e as desigualdades; as incapacidades de ações institucionais mobilizadas até hoje sobre a questão ecológica (a exemplo da COP21) que não logram êxito em reorganizar as hierarquias de poder para conter a mudança climática. Este paradigma é o velho que está morrendo e a crise sistêmica atual é o principal sintoma de falência.

O terceiro capítulo versa sobre a proposta, de decrescimento. Entendida como algo elaborado mais para dentro dos espaços acadêmicos, esta ideia pode ser entendida por uma breve dedução lógica: se na atual divisão internacional

1 Doutorando em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pesquisador do Grupo de Pesquisa sobre Globalização da Política (GLOPOLI-UFBA). Contato: costasouzavitor@gmail.com. Salvador, Bahia, Brasil. ORCID: 0000-0002-9925-8911.

do trabalho, o centro do capitalismo tem um padrão de vida baseado em condições de bem-estar que é resultado da exploração histórica dos países periféricos; para que seja possível romper com o modo de produção capitalista e sua base produtiva de exploração incessante da Natureza, é necessário repensar o processo de crescimento constante que as economias capitalistas almejam. Neste sentido, é preciso haver um decréscimo econômico dos países do norte global, o que significaria a redistribuição da mais-valia que corre nos ciclos de circulação de capital. Entretanto, tal formulação ainda se apresenta como reatividade aos sintomas do interregno.

No quarto capítulo é discutida a ideia do pós-extrativismo. O conceito representa um grande guarda-chuva de ideias e proposições frutos do cotidiano latino-americano. O extrativismo é um padrão de matriz produtiva que atravessa a história da América Latina, e que segundo os autores, quando associado ao conceito marxista de acumulação primitiva de capital, são capazes de explicar a origem do capitalismo moderno, bem como as suas características de saque e espoliação, profundamente marcadas por características coloniais e neocoloniais. A construção da importância de avançarmos ao pós-extrativismo, por sua vez, é resultado da organização política de movimentos sociais em toda a região, que ao serem vítimas diretas e indiretas da indústria de primeiro setor, apontam a necessidade de explorar alternativas de matriz produtiva, para se construir o bem-viver.

No quinto capítulo são abordadas as potencialidades que os conceitos são capazes de criar a partir da necessidade de discutir as realidades dos centros e das periferias do capitalismo de forma associada, o que acaba sendo o argumento central do livro. Por isso, os autores apontam como as condições de vida estão

associadas aos modelos de desenvolvimento adotados ao longo da história que consolidou o capitalismo enquanto sistema-mundo. Isso nos leva a refletir a necessidade de produção de modelos de desenvolvimento baseado na história política de cada povo, de forma a romper com a imposição imperial e colonial de organização das nossas sociedades. Esses dois capítulos lançam importantes reflexões que amadurecem nossos pontos de partida para acreditarmos que algo novo possa nascer.

No sexto e último capítulo se colocam questões abertas que convida o leitor a agir enquanto intelectual orgânico de sua própria realidade. Ao buscar alternativas os autores tateiam algumas possibilidades de transformação da realidade existente:

a) a solidariedade internacional entre movimentos sociais organizados de todo o planeta é fundamental para construir alternativas políticas que influenciem governos a executar uma transição econômica, política e ecológica, baseadas nas necessidades de garantia da vida e do bem-estar fora de uma matriz antropocêntrica;

b) o bem-viver ou *sumak kawsay* é uma fonte epistemológica e material de construção de sociedades que sejam capazes de viver em harmonia com a natureza – onde a relação de consumo do que a terra produz está baseada na subsistência, na harmonia entre os seres vivos e no respeito aos ciclos biológicos;

c) para sermos capazes de construir essas alternativas, devemos pensar o papel do Estado na manutenção dos problemas levantados e nos limites que se encontram para que seja possível a superação do Estado. Para isto, os autores propõem que executemos processos de remodelação das democracias, respeitando as particularidades de cada território, mas sem abandonar a radicalidade necessária;

d) por fim, para modelar o que se busca, os autores colocam que não há receita ou caminho para o que vamos construir, e que devemos observar as nossas próprias experiências para alcançarmos os objetivos que resultem das reflexões, fazendo florescer uma sociedade onde o consenso político seja a norma que constrói os resultados esperados.

Deste modo, o livro se coloca como ferramenta útil para um ponto de partida que supere os falsos debates sobre o desenvolvimento que insistem em recair numa dinâmica predatória, seja das condições humanas, seja das condições da natureza. Dando centralidade à ecologia política como eixo de reflexão, é viabilizado o contato com as discussões mais recentes que apontam a saturação do antropoceno, como resultado das condições da natureza em se manter como fornecedora incessante de recursos. A partir das referências político-teóricas mobilizadas

para dar suporte aos argumentos, as discussões também se associam ao marxismo como teoria essencialmente associada às lutas por emancipação humana e anti-coloniais – também dialogando com vertentes nascentes do marxismo, como as proposições ecossocialistas. Da mesma forma, o texto amplia as capacidades das teorias e metodologias decoloniais, apontando como as dinâmicas de reprodução social dos povos originários podem contribuir decisivamente para a transição ecológica e econômica do nosso mundo. Mesmo com esse amplo diálogo, os autores não deixam dúvidas sobre a necessidade da contestação anticapitalista para o êxito na construção do novo mundo que precisamos construir.

Referência

ACOSTA, Alberto; BRAND, Ulrich. **Pós-extrativismo e decrescimento: saídas do labirinto capitalista**. São Paulo: Elefante, 2018. ISBN 978-85-93115-19-6.